

Seminário 5: McCLINTOCK, Anne. “A família branca do homem - O discurso colonial e a reinvenção do patriarcado”. In: *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010, p. 341-376.

Sofia Villela Borges

Giancarlo Latorraca

Comentários das professoras:

O seminário está bem estruturado e bem escrito, destacando os pontos centrais da perspectiva historiográfica da autora e o problema que Anne McClintock buscou investigar no livro *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Nesse sentido, como das outras vezes, vamos chamar atenção para alguns aspectos importantes do capítulo “A família branca do homem - O discurso colonial e a reinvenção do patriarcado”, enfatizando a sua relação com o que estamos discutindo no curso por meio das aulas e seminários.

Antes disso, porém, vale pontuar que teria sido importante no item **Apresentação do texto** recuperar e aprofundar o lugar que a obra *Couro imperial* ocupa na trajetória da autora e como ela se relaciona com a sua formação e áreas de estudo. Nesse mesmo item, também valeria a pena apresentar ainda que brevemente as três partes que estruturam o livro, para melhor localização do capítulo analisado na construção da argumentação geral da autora no livro.

O capítulo “A família branca do homem – o discurso colonial e a reinvenção do patriarcado” indica a passagem entre as aulas dedicadas às escalas do sujeito e o debate sobre a interseccionalidade com a aula desta semana, voltada para a investigação das relações entre cultura e sociedade.

Nesse capítulo, a autora (como bem apontou a dupla) escolhe um sujeito, o escritor inglês e membro da administração colonial africana, Henry Rider Haggard, para investigar o novo tipo de imperialismo que se estabelece no momento de “enfraquecimento da antiga hierarquia do campo com o deslocamento do poder nacional [inglês] para o setor manufatureiro” (p. 344) e refletir sobre “não só as relações entre a metrópole imperial e as colônias, mas também a reformulação das relações de gênero na África do Sul, quando o capitalismo nascente penetrava a região e perturbava relações de poder já contestadas dentro dos assentamentos” (p. 342).

Notar que diferentemente de Menocchio – escolhido por Ginzburg na sua tentativa de investigar como os indivíduos se relacionam com o contexto para além das

determinações, ou seja, por meio de um conjunto de escolhas individuais –, Haggard é tomado pela autora como representante de um grupo social que está centro das mudanças analisadas por ela. Nesse sentido, Haggard é membro de uma determinada classe social, ou seja, da nobreza em crise e sem lugar na nova configuração sócio-econômica da metrópole inglesa, e é desse ponto de vista, dessa perspectiva, que ela analisa sua trajetória.

McClintock acompanha a vida de Haggard, traçando a sua biografia, interessada contudo não apenas a experiência de Haggard, mas também a maneira como ele a reconfigura por meio da literatura, entendendo o livro de sua autoria, *As minas do rei Salomão*, como “a reinvenção do patriarcado imperial branco através de uma poética racial e de gênero legitimadora” (p. 363) que, pelo sucesso alcançado, aponta não apenas para a aceitação (e, portanto, identificação de boa parte dos leitores de seu grupo social), mas também para a maneira como as diferenças e a dominação foram construindo seus argumentos de legitimidade e perpetuação.

Nesse sentido, é possível pensar que a sua perspectiva se aproxima em alguma medida de E. P. Thompson que, apesar de não ser citado explicitamente pela autora, faz parte do grupo de alguns autores por ela mobilizados na análise, como Raymond Williams, parceiro intelectual de Thompson. Pensamos aqui, especialmente, na noção de experiência e consciência de classe, figurados no relato biográfico, e na maneira pela qual McClintock trabalhar a fonte literária, ou seja, como uma tentativa por parte de Haggard de refletir e ressignificar sua experiência de classe, mas também de gênero e raça.

É por meio desses dois últimos marcadores sociais, gênero e raça, que a autora inova na análise sobre o domínio imperial, vinculando-as à experiência da metrópole da colonial (algo que vamos discutir na aula da semana que vem), e mostrando como são por meio deles que a dominação se reestrutura e justifica. Nesse sentido, vale pontuar a proximidade da autora com a perspectiva de Joan Scott e de autores que reviram conceito de raça, em ambos os casos chamando atenção para o fato de que gênero não é sinônimo de mulher, assim como raça não é sinônimo de negro, e de que há entre homem e mulher, assim como negro e branco, multideterminações e relações de poder conjugadas.

Vamos ver na aula sobre cultura e sociedade como outros aspectos do texto de Anne McClintock ainda podem ser explorados a partir de outras chaves de análise para além da interseccionalidade.